

Actas do Encontro
Arqueologia
e Autarquias



Ficha técnica

Título

Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias

Edição

Câmara Municipal de Cascais

Editores

Maria José de Almeida

António Carvalho

Design e paginação

Delfim Almeida

Impressão

DPI Cromotipo

Tiragem

1000 exemplares

ISBN

978-972-637-243-1

Depósito Legal

332691/11

Local | Data

Cascais, 2011

Capa

Fotografia de Danilo Pavone

Nova Carta Arqueológica de Sesimbra

Luis Jorge Gonçalves

CIEBA

luis.jg@fba.ul.pt

Manuel Calado

CIEBA

caladomanuel@gmail.com

Rosário Fernandes

CHAIA/UÉ

mrosariocf@gmail.com

Leonor Rocha

CHAIA/UÉ

lprocha@gmail.com

Resumo: Em 2007, uma equipa da Universidade de Lisboa e da Universidade de Évora, iniciaram, por solicitação da Câmara Municipal de Sesimbra, o projecto de actualização da Carta Arqueológica de Sesimbra, realizada na década de sessenta/setenta, por Eduardo da Cunha Serrão. Apresentam-se agora os resultados preliminares dos trabalhos realizados nos dois primeiros anos do projecto, assim como as metodologias adoptadas.

Este trabalho permitiu identificar um número bastante elevado de novos sítios arqueológicos que abarcam um amplo espectro cronológico (desde o Paleolítico até à Época Contemporânea). Salienta-se, como novidade principal, o registo de sítios mesolíticos, assim como do Bronze final e da 1ª Idade do Ferro.

Palavras-chave: Sesimbra, Carta Arqueológica.

1. Antecedentes

A investigação arqueológica, no concelho de Sesimbra, iniciou-se nos finais do séc. XIX, tendo, desde então, passado por diversas fases, umas de grande dinâmica, outras de relativa estagnação.

Na verdade, este concelho foi, em meados do século passado, um dos primeiros a ter uma Carta Arqueológica publicada, tendo também sido pioneiro em termos metodológicos, uma vez que as técnicas de escavação, ensaiadas na escavação da Lapa do Fumo, se tornaram referência a nível nacional.

No entanto, após esta fase de grande dinamismo, a investigação entrou num período de recessão, não obstante a grande riqueza arqueológica e patrimonial desta área. Esta estagnação levou a que, actualmente, Sesimbra se tenha visto afastada dos grandes temas da investigação arqueológica, perdendo a relevância merecida, no panorama arqueológico nacional.

Algumas das principais questões levantadas, implícita ou explicitamente, há décadas, a propósito da realidade arqueológica sesimbrense, permaneciam sem resposta cabal, enquanto, por outro lado, novas questões resultantes do avanço da investigação, em diversas áreas, se deviam hoje colocar e equacionar para esta área.

O projecto apresentado pelos signatários à Câmara Municipal de Sesimbra, em 2007, procurava, para além da revisão dos dados antigos, contribuir para o esclarecimento destas questões, através da realização de novas prospecções arqueológicas.

2. Caracterização dos trabalhos

Quando se deu início a este projecto, os dados reunidos, na Carta Arqueológica publicada por E. C. Serrão (Serrão, 1973) e outros, resultantes de investigações posteriores, eram muito escassos e, na maioria dos casos, insuficientemente caracterizados.

A análise da cartografia existente permitia também verificar uma dicotomia muito acentuada entre a parte Sul do concelho, com uma grande densidade de vestígios, e a parte Norte, onde, pelo contrário, quase não se registavam sítios arqueológicos de qualquer época. Sendo certo que essas diferenças são incontornáveis – e podem traduzir, alternativamente, fenómenos históricos ou tafonómicos, restava saber até que ponto elas não resultavam também de um investimento diferencial, em termos de prospecção, traduzindo, por isso, questões ligadas à geografia da investigação.

Na verdade, existiam algumas lacunas que se nos afiguravam, à partida, bastante “perturbadoras”, como a escassez de dados sobre o povoamento da Idade do Bronze – não obstante a existência da Roça do Casal do Meio - e, sobretudo, da Idade do Ferro, tendo em conta a presença esmagadora de vestígios pré-históricos.

Para os períodos subsequentes, não se esperavam vir a encontrar grandes alterações, atendendo ao carácter habitualmente conspícuo dos vestígios dessas épocas. No entanto, só a realização de novos trabalhos de prospecção e a introdução de métodos mais adequados de pesquisa, poderiam responder cabalmente a estas lacunas.

Para além das questões específicas da arqueologia sesimbrense, importava também



Fig. 1 Pormenor das prospecções sistemáticas.



Fig. 2 Aspecto da paisagem na serra.

realizar um estudo mais alargado, avaliando os dados nos diversos quadros regionais e extra-regionais, numa perspectiva diacrónica. As relações com os limites superiores dos estuários do Tejo e do Sado, dois dos elementos maiores da estrutura paisagística regional; as relações, por via marítima, com os litorais Norte e Sul (e, através deles, com distintos focos culturais) ou ainda as relações com o interior, eram alguns dos aspectos a considerar, tendo em vista a produção de um discurso fundamentado sobre as paisagens humanas de Sesimbra.

3. Prospecções arqueológicas: métodos e técnicas de análise territorial

As prospecções arqueológicas realizadas tiveram por objectivo rever, na generalidade, a base de dados existente e, na medida do possível, colmatar algumas lacunas através da realização de novos trabalhos. Note-se que a base de dados existente resultava de dados antigos, identificados na bibliografia e no Endovélico (IPA), pelo que a sua descrição era, normalmente, muito vaga e pouco precisa.

As prospecções arqueológicas realizadas partiram de uma análise atenta da implantação dos dados antigos. No entanto, a deficiente base cartográfica utilizada em muitos dos trabalhos publicados, aliada a indicações apenas aproximativas, dificultaram, em alguns casos, a relocalização destes sítios. Assim sendo, a revisão, no terreno, destes dados, traduziu-se num esforço suplementar, face á necessidade de serem prospectadas, de forma intensiva, áreas mais alargadas – se bem que, muitas vezes, este esforço tenha sido recompensado pela identificação de outros novos sítios.

A definição das áreas a prospectar foi realizada em função da análise cartográfica, da análise toponímica, da recolha de informação oral e, em alguns casos, das áreas que apresentavam mais “vazios”.

Naturalmente, esta metodologia foi sendo progressivamente adaptada e corrigida, em função, da análise paisagística, que nos permitiu ultrapassar e corrigir algumas deficiências patentes na informação cartográfica – algumas áreas, propícias à implantação de sítios arqueológicos não foram seleccionadas, à partida, dada a sua natureza (cavidades, abrigos); por outro, à medida que se iam identificando novos sítios também se iam corrigindo os nossos próprios modelos, ou seja, a nossa percepção e análise dos dados que se encontrava, de certa forma, “viciada” por modelos de povoamento observados em outras áreas geográficas.

A localização de sítios foi realizada com GPS, com base em prospecções tanto quanto possível sistemáticas (Fig.1), assim como a relocalização e delimitação dos sítios identificados e/ou publicados anteriormente.

Atendendo às suas especificidades geomorfológicas e arqueológicas (Fig.2), a área litoral localizada entre o Cabo Espichel e a Arrábida contou com a participação dos elementos do Núcleo de Espeleologia da Costa Azul (NECA) e também do CEAE/LPN (Centro de Estudos Especiais/Liga para a Protecção da Natureza).

4. Breve síntese

A análise global dos dados reunidos ao longo deste projecto, permite, desde já, destacar um conjunto significativo de novidades e especificidades, no contexto da arqueologia regional e mesmo nacional.

No que diz respeito ao Mesolítico, destaca-se a presença de vários núcleos de povoamento, exclusivamente em torno da Lagoa de Albufeira – confirmando, aliás, suspeitas antigas – configurando uma estratégia de povoamento bastante homogénea e, até certo ponto, expectável.

Em relação à Idade do Bronze (Fig.3), a identificação de um grande povoado em torno da Roça do Casal do Meio, veio dar uma substância inesperada às novas leituras, avançadas, nos últimos anos, sobre essa estrutura funerária; de facto, o carácter indígena do monumento (e dos respectivos ocupantes) tem vindo a ser proposto, por diversos autores, apenas com base em argumentos de natureza artefactual e na reinterpretação das estruturas.

As dimensões do povoado que, numa estimativa preliminar, parece exceder os 60 ha, destacam-se claramente no panorama nacional e justificam, só por si, o carácter “elitista” que, desde a escavação do sítio, tem sido atribuído ao monumento. Note-se que, ao contrário do que é habitual nos grandes povoados do Bronze Final, estamos aqui em presença de um povoado aberto, ou pelos menos sem condições naturais de defesa.

A terceira novidade, não menos interessante que as anteriores, prende-se com a identificação de ocupações da 1ª Idade do Ferro, num conjunto significativo de abrigos e grutas, junto ao mar. Não nos é possível, no estado actual da investigação, precisar se se trata de enterramentos ou de lugares de habitat; para além disso, foi também identificado um habitat de ar livre.

De uma forma geral, considerando o concelho de Sesimbra no seu conjunto, torna-se evidente uma maior concentração do povoamento, na pré-história (Fig. 3) e na proto-história (Fig. 4), em áreas relativamente próximas da costa ou em articulação com as principais linhas de água.



Fig. 3 Mapa com a ocupação do Neolítico e Calcolítico elaborado por Gertrudes Branco.

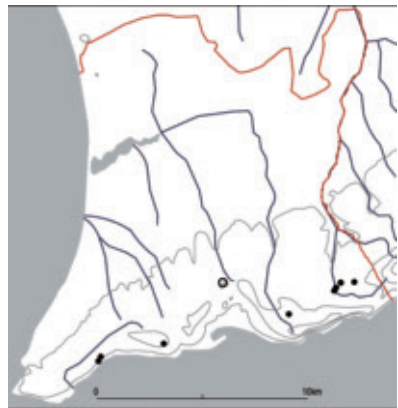


Fig. 4 Mapa com a ocupação da Idade do Bronze e do Ferro elaborado por Gertrudes Branco.

Na recta final deste projecto, para além dos avanços científicos, fundamentais para a valorização do património cultural de Sesimbra, constituiu-se uma base de dados do património concelhio, indispensável para uma correcta gestão do território, cuja eficácia depende, naturalmente, da localização precisa dos vestígios.



Fig. 5 Paisagem natural na área do Cabo Espichel.



Fig. 6 Pormenor da Fonte de Sesimbra.

Bibliografia:

CARDOSO, João Luís (1990) – A Lapa do Bugio. *Sesimbra Cultural*. 0. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, p. 15-34.

CARDOSO, João Luís (1991) – Sobre os ídolos de calcário – “pinhas” – do calcolítico da Estremadura – Algumas considerações sobre dois exemplares da Lapa do Bugio. *Sesimbra Cultural*. 1. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, p. 6-14.

CARDOSO, João Luís (1992) – A jazida neolítica da Amieira (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*. 2. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, p. 10-14.

CARDOSO, João Luís (1993) – A primeira campanha de escavações realizadas na Lapa da Furada, (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*. 3. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra., p. 15-17.

CARDOSO, João Luís (1993) – Investigação arqueológica na área de Lisboa. Os últimos 10 anos: 1984-1993. *Al-Madan*. Serie II. 3, p. 59-74.

CARDOSO, João Luís (1993) – O litoral sesimbrense da Arrábida. Resenha dos conhecimentos da sua evolução quaternária e das ocupações humanas correlativas. *Sesimbra Cultural*. 4. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, p. 5-12.

CARDOSO, João Luís e CUNHA, Armando Santinho (1995) – *A Lapa da Furada. Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1941*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.

MAIA, Manuel (1975) – Cepos de Chumbo de âncora romanos encontrados ao largo de Sesimbra. *Setúbal Arqueológica*. 1. Setúbal: p. 177-180.

MARINHO, J. Rodrigues (1968) – *Moedas muçulmanas de Beja e Silves*. Edição da Câmara Municipal de Sesimbra.

MARQUES, Gustavo (1967) – Rede viária da zona do Castelo. *Boletim do Centro de Estudos do Museu de Sesimbra*. Edição da Liga dos Amigos do Castelo de Sesimbra. 1, p. 10-21.

QUEROL, M. Angeles (1974) – Moedas portuguesas do Museu de Sesimbra, I Dinastia. *Estudos Arqueológicos*. 1. Junta Distrital de Setúbal. p. 155-175.

RIBEIRO, Orlando (1937) – A Arrábida – Esboço geográfico. *Revista Faculdade de Letras de Lisboa*. Tomo IV. 1. Lisboa, 1937, p. 2-131.

RIBEIRO, Orlando (1967) – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico – Esboço de relações geográficas*. Lisboa, 1967.

SERRÃO, Eduardo Cunha (1959) – Cerâmicas de ornatos brunidos e cores da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Vol.1, Lisboa, p. 337-359.

SERRÃO, Eduardo Cunha (1962) – Alguns problemas arqueológicos da região de Sesimbra. *Arqueologia e Historia*. 8ª série, vol. IX, 1962, p. 41.

SERRÃO, Eduardo Cunha (1962b) – Um pequeno museu arqueológico regional. *Arqueologia e Historia*. 8ª Série, vol. IX, p. 105-125.

SERRÃO, Eduardo Cunha (1964) – *A necrópole proto-histórica do Casalão (Sesimbra)*. Junta Distrital de Setúbal, p. 50.

SERRÃO, Eduardo Cunha (1966) – Bronzes de Alfarim e de Pedreiras. Subsídios para o estudo do Bronze Atlântico. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. III série, 10, p. 30.

SERRÃO, Eduardo Cunha (1967) – As grutas A e B do Forte do Cavallo. *Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*. vol. 1, 1967, Edição da Liga dos Amigos do Castelo de Sesimbra, p. 24-39.

SERRÃO, Eduardo Cunha (1968) – A Lapa do Fumo. *Geographica*. Ano IV, nº 15. p. 69-92.

SERRÃO, Eduardo Cunha (1968-1971) – A estação arqueológica do Vale da Palha (Calhariz). *Estudos Arqueológicos*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal, p. 129-153.

SERRÃO, Eduardo Cunha (1973) – *Carta Arqueológica do Concelho de Sesimbra. Desde o Paleolítico até 1200 d.C.* Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.

SERRÃO, Eduardo Cunha (1975) – Contribuições arqueológicas do Sudoeste da Península de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. 1, p. 199-225.

SERRÃO, Eduardo Cunha (1979) – Sobre a periodização do Neolítico e Calcolítico do território português. *Actas da 1ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*. Porto, p.147-182.

SILVA, Carlos Tavares; SOARES, Joaquina (1986) – Arqueologia da Arrábida. *Colecção Parques Naturais*. 5. p. 48 e 84-85.

SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares; BARROS, Luís (1979) – Identificação de uma jazida neolítica em Fonte de Sesimbra (Santana). *Setúbal Arqueológica*. 5. p. 47-65.